

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

In: *Os primeiros passos da clínica*, Marco Correa Leite, 2022 p. 5-10.

*Paulo Roberto Ceccarelli\**

Há alguns anos [Conferência 3 - apresentada em 1909 na Clark University], dei como resposta à pergunta de como alguém pode se tornar analista: ‘Pela análise dos próprios sonhos’. Esta preparação, fora de dúvida, é suficiente para muitas pessoas, mas não para todos que desejam aprender análise. Nem pode todo mundo conseguir interpretar seus próprios sonhos sem auxílio externo (FREUD, 1912/1969, p. 155).

Escrever as considerações finais sobre o livro de Marco Correa Leite — *Os primeiros passos da clínica* — é uma empreitada difícil, pois, em certa medida, todo analista está nos primeiros passos. Além disso, uma das reflexões centrais de Freud, citada direta e indiretamente ao longo do livro, diz respeito ao analista ter sempre presente no horizonte a máxima segundo a qual cada análise deve ser entendida, em sua particularidade, como se fosse a primeira.

Já no primeiro parágrafo, apoiado em uma citação de Freud de 1905, o autor lança a dimensão de sua empreitada: “a Psicanálise é um procedimento de cura para aqueles que não encontraram, em outros tratamentos, um alívio significativo para seus sofrimentos”. Citação de peso e que dá sentido — tanto como uma direção quanto como propósito — à escrita que se segue.

Como Freud (1913) em *Sobre o início do tratamento*, o autor deixa claro que o que escreve não são regras, mas, antes,

recomendações para os que estão começando a prática analítica; recomendações sobre os primeiros passos da clínica. O que existe é a regra fundamental, isto é, a associação livre de ideias que, sabemos, não é em nada livre. O que a comanda são as leis de um processo — o primário — que fogem a qualquer apreensão direta, pois sujeitas às regras de uma dimensão psíquica que o sujeito desconhece, e sentidas, muitas vezes, como algo estranho (*Unheimlich*). Quanto ao analista, cabe-lhe apenas exercer a atenção flutuante, sustentada por aquilo que Piera Aulagnier chama de “teorização flutuante”, voltando

“seu próprio inconsciente, como um órgão receptor, na direção do inconsciente transmissor do paciente” [e] “a partir dos derivados do inconsciente que lhe são comunicados, reconstruir o inconsciente, que determinou as associações livres do paciente” (Freud, 1912, p. 154).

O autor explora aquilo que a resposta de Freud, citada em epígrafe, condensa: só é possível analisar seus próprios sonhos através de uma análise pessoal; e a análise dos sonhos, via régia para o inconsciente (FREUD, 1900), condensa a metapsicologia, conferindo ao sonho o estatuto de analisável, e dando-lhe significação (*Deutung*). É neste sentido que podemos dizer que toda análise, assim como toda formação, é interminável.

Posto que ser analista é fazer de sua subjetividade objeto de investigação, a análise dos sonhos permite este contato: a partir da alteridade interna que surpreende e interpela o sujeito gerando angústia, um campo de fala em busca de sentido em si próprio e no outro é aberto. Ademais, a análise pessoal leva o sujeito, futuro analista, tanto a sentir na própria pele a potência da teoria, quando reconhecê-la em seus analisandos.

Outro ponto importante, diz respeito à ineficácia de toda e qualquer forma de ingerência externa na tentativa de regular o processo de formação; como se fosse possível, *a priori*, ditar regras e determinar as condutas e as diretrizes de como este processo deva ocorrer: cada análise tem sua própria trajetória, pois é a transferência, sustentada pelo desejo da dupla analista/ analisando, que permite que o processo se desenrole e as resistências sejam superadas. Ainda que, sem dúvida, as instituições psicanalíticas sejam unânimes quanto à pertinência do tripé proposto por Freud em 1919, e cuja importância foi sublinhada por Lacan (1966/1998), isto é, a análise pessoal, estudo da teoria e supervisão, ou controle clínico, não há como garantir, e menos ainda, regulamentar, subjetividades e desejos.

Cada instituição tem um modelo diferente sobre como este tripé deve ocorrer, o que não pode ser separado do discurso de poder e da ideologia, que sustenta a instituição, e tampouco entendido fora do sistema de valores, ideais, materiais e econômicos, que subjaz o ideário da instituição. Tudo isso pode provocar, via transferência, a infiltração de um imaginário que transforma as discussões sobre a formação em um diálogo sem fim, levando a um comprometimento do processo analítico.

Marco Leite aborda, sem rodeios, um dos eixos centrais da formação: a supervisão que, justamente, permite ao futuro analista, situar-se na intersecção entre a análise pessoal e o eixo teórico. A atividade supervisionada, chamada em francês de *analyse de contrôle* (análise de controle), permite o estabelecimento de um diálogo com outro analista no qual os ruídos que impedem uma escuta limpa – quiçá as resistências do próprio analista? – sejam desbloqueados e a escuta ampliada: “nenhum psicanalista avança além do quanto permitem seus próprios complexos e resistências internas” (FREUD, 1910, p. 150). Ou seja, a escuta

do analista só vai até onde sua própria análise o levou. O analista procura supervisão como uma forma de cuidar de seu atendimento: a primeira supervisão foi a de Breuer/Freud.

O trabalho do autor é altamente enriquecido através de citações clínicas que exemplificam suas premissas. Isso traz uma intimidade agradável à leitura do texto, além de mostrar que o sujeito que o analista trabalha, é o do inconsciente e não aquele que está ali à sua frente. Discute-se importantes considerações tanto sobre o falar do analista, quanto o seu silêncio, assim como as particularidades inerentes à análise freudiana e a lacaniana.

As considerações finais de Marco Leite sobre a formação do analista fecham o livro de forma exemplar. Quando levamos em conta que o inconsciente produz formações (Lacan, 1957), a formação de analista traduz um projeto ético pessoal (só o psicanalista se autoriza) que, longe de ser técnico passa pela metabolização, via transferência, de questões teórico-clínicas, levando a uma experiência do sujeito com seu próprio inconsciente, ou seja, com o modo como ele encarna a sua função. Transladar-se do divã e para a poltrona é bem próximo da travessia do fantasma, fazendo com que a intervenção institucional neste percurso seja problemática.

A formação do analista passa pelo reconhecimento do grupo: é o lugar de desejo e o reconhecimento pelo grupo, que sustenta a sua formação. Trata-se da célebre afirmação segundo a qual o analista só se autoriza de si mesmo:

“aquilo que ele tem de cuidar é que, a autorizar-se por si mesmo, haja apenas o analista (...) Somente o analista, ou seja, não qualquer um, autoriza-se apenas por si mesmo” (LACAN, 2003, p. 314).

Porém, autorizar-se a si mesmo é, para além de um ato,

ter o reconhecimento de alguém e/ou pela sociedade de filiação do analista.

A transferência de trabalho, que a ideia lacaniana do cartel propõe, representa o lugar apropriado de acolhimento dessa transferência, mas, igualmente, a unidade de base de um modo de organização social.

Ocupar o lugar do “objeto a” é sustentar um enigma, conduzindo o analisando a responder questões fundamentais sobre a constituição de sua subjetividade.

A análise leva a uma transformação experimentada, pelo sujeito, como uma resignificação subjetiva. Opera-se um saber: “wo es war, soll ich werden. (Onde era Isso, Eu apareço” ) Freud, 1933

\*Psicólogo; Psicanalista; Doutor em Psicopatologia fundamental e Psicanálise – Universidade de Paris 7 – Diderot; Pós-doutor – Universidade de Paris 7; Membro da Associação Universitária de Pesquisa em Psicopatologia Fundamental; Sócio do Círculo Psicanalítico de Minas Gerais (CPMG); Sócio Fundador do Círculo Psicanalítico do Pará (CPPA); Membro da Société de Psychanalyse Freudienne – Paris, França; Professor e orientador de pesquisas na Pós-Graduação em Psicologia/UFPA; Professor e orientador de pesquisas do Mestrado de Promoção de Saúde e Prevenção da Violência/MP, da Faculdade de Medicina da UFMG; Membro do Corpo Docente do Contemporâneo: Instituto de Psicanálise e Transdisciplinaridade – POA, RS; Professor na pós em Psicanálise do Hospital Santa Catarina, Blumenau, SC. Coordenador e professor da pós em Sexualidade Humana, da Fac. Santa Casa, BH; Pesquisador Associado do LIPIS (PUC-RJ). Membro do Programa Antártico Brasileiro. Diretor científico da Clínica Ampliada de Saúde Mental. (CASM: <https://casm.bhz.br>). Coordenador do Instituto Mineiro de Sexualidade (IMSEX: [www.imsex.com.br](http://www.imsex.com.br)).

